

Acordamos às sete da manhã e vamos arrumando a cama, estendendo os lençóis, ajeitando a colcha. Tomamos banho em silêncio, estamos ainda sonolentos, não queremos conversar. É uma boa hora para fazermos amor, mas não temos ânimo. Coamos o café, esquentamos o leite, comemos pão com manteiga, lemos as manchetes do jornal. Lemos as manchetes e deixamos o jornal de lado com o firme propósito de continuar a leitura à noite. Sabemos que não vamos ler depois, mas mantemos viva essa ilusão. Se chove, falamos que está chovendo e o trânsito está uma merda e é impossível viver nessa cidade. Se faz sol, reclamamos do calor, da sede, da luz que quase nos cega. Sempre fazemos algum comentário sobre o tempo. Conversamos futilidades. Nada temos a dizer, mas não podemos viver calados. Quando encontramos alguém, fazemos festa, recordamos os bons tempos, sentimos algo agradável que não sabemos ao certo

definir. Nem sempre somos sinceros nessas ocasiões. Desenrolamos o fio de Ariadne. Enrolamos o fio novamente ao novelo. Quando alguém faz um gol, gritamos gol. Não ficamos nem tristes nem alegres. Vivemos numa zona de sombras. Não queremos morrer, não queremos viver. E trabalhamos. Trabalhamos. Trabalhamos. Ao meio-dia nos liberam para o almoço e devemos retornar às duas. Engolimos a comida, temos pressa. Saímos para fazer compras, folhear revistas, ir ao banco. Ainda existem bancos. Então, comentamos as tragédias do dia anterior, a última novidade da informática, o pronunciamento do senhor presidente da República. Procuramos estar atentos às inovações. Sabemos que quem não se atualiza corre o risco de morrer em vida, de ser esquecido. Não podemos ignorar o que todos sabem. Nossas vozes se confundem. Temos a nítida impressão de que nossas palavras não são nossas. Durante anos viemos perdendo a memória. No entanto esse fato não nos prejudicou. Ao contrário, a amnésia nos protegeu das culpas e do arrependimento. É certo que também levou nossas melhores lembranças. Mas o que se pode fazer com lembranças? À noite, quando o céu é mais misterioso, quando a vida revela seus segredos, nos acomodamos em silêncio diante da televisão. Em geral, não assistimos aos programas. Ligamos apenas porque não suportamos a solidão. Temos receio de conversar novos assuntos. Nunca vamos além do permitido. Por vezes, um de nós solta um peido. Sorrimos. É uma senha. Afinal, estamos vivos. No frio, nos envolvemos em mantas e ficamos a descobrir uma ou outra estrela latejando entre a névoa. É um belo espetáculo.

Mas nos cansamos dos belos espetáculos. A verdade é que nos cansamos de tudo. Em noites de ventanias, padecemos de insônias. Nos abraçamos. Não propriamente pela afeição que sentimos. Mas pelo costume. Tossimos. Ofegamos. Mudamos de posição, fazemos barulhos entre os lençóis. Precisamos comunicar um ao outro que ainda não dormimos. O sono tarda. Os sonhos são fardos. Não somos capazes de contar carneiros. Já não sabemos fazer contas. Há milhões de coisas a fazer. Despertamos. Mil opções de programas. Mil alternativas e nenhuma são a mesma coisa. A cidade tem cento e cinqüenta salas de cinema, noventa teatros, oitocentos restaurantes, zoológico, museus, casas noturnas, clubes. Não precisamos ir a nenhum deles. O mundo vem até nós de qualquer maneira. Não podemos escapar. Nos habituamos à guerra e à paz. Temos de reformar a casa, trocar os móveis, comprar outro carro. Depois, temos de reformar a casa, trocar os móveis, comprar outro carro. Se queremos ser

diferentes temos de ser iguais. Se queremos ser iguais temos de ser diferentes. E somos engraçados, apesar de tudo. Cozinhar, beber vinho, tomar chuva, muitas coisas nos divertem. Rimos. Rimos por ter dores tão simples. E, conforme vamos rindo, vamos chorando. Somos extraordinariamente fortes. Somos escandalosamente frágeis. Somos líricos demais. Somos pobres demais. Quando um conhecido faz aniversário, cantamos parabéns a você. Somos amados e odiados. Enganamos. Somos enganados. Discutimos. Rompemos relações. Fazemos as pazes. Discutimos. Rompemos relações. Fazemos as pazes. Temos vergonha de nossa nudez, nossa barriga, nossa calvície, nossas roupas. Quando estamos em casa, queremos ir a outro lugar. Quando estamos em outro lugar, queremos voltar para casa. Gostamos de viajar, mas nossas viagens se restringem aos preparativos. Sim, os preparativos são idílicos. No momento em que entramos no carro e pegamos estrada, ou nos metemos em aviões, a viagem termina. Os problemas vão chegando, um a um. E nos seguem. As incertezas nos desesperam. Não sabemos mais em que acreditar: na psicanálise, na astrologia, nas seitas orientais, na terceira onda, no fim iminente por uma guerra nuclear, nas profecias de Nostradamus, na nova Igreja Católica. Matamos Deus. Ressuscitamos Deus. Matamos novamente Deus. Voltamos a ressuscitá-lo. E, a todo minuto, nos injetam mais dados, mais informações. Não nos recordamos mais quem foi Hitler. Por um momento galgamos a fama. Damos entrevistas aos jornais, somos convidados a escrever um livro, gravar um disco. Em todas as esquinas falam de nós. Passamos a ser ídolos de uma geração. Uma geração de horas. E depois somos esquecidos. De súbito, galgamos novamente a fama. Damos entrevistas aos jornais, somos convidados a escrever um livro, gravar um disco. Em todas as esquinas falam de nós. Passamos a ser ídolos de uma geração. Uma geração de horas. E depois somos esquecidos. Esquecidos da mesma maneira que esquecemos o preço do arroz, a dor da semana passada. Vamos vivendo, vamos morrendo. Temos sempre desculpas prontas, uma para cada ocasião. Pedimos socorro por olhares, mas quase todos estão cegos. Somos vítimas e inocentes. Nas ruas, encontramos conhecidos. Pessoas que

passam todos os dias pelos mesmos lugares onde passamos. Nunca nos cumprimentamos, nunca trocamos uma palavra. Mas mantemos uma cumplicidade. E nos sentimos abandonados quando um desses conhecidos desaparece por um dia. São nossa segurança. Conhecemos muito bem a cidade. Sentamos no carro, fechamos os olhos e vamos dirigindo. Conhecemos o tempo de duração dos sinais verdes. Todos os movimentos do trânsito. Todas as avenidas que mudaram de direção. Fatiga-nos a mesmice dessas mudanças. Fazem-nos perguntas. Respondemos. Verdade ou mentira, pouco importa. Fazemos perguntas. Respondem. Fazem-nos perguntas. Respondemos. Quando chega a primavera, dizemos é primavera. E vamos aos museus. Não entendemos muito a arte moderna. Nem a pós-moderna. Fiamos-nos na opinião dos críticos. Divergimos da opinião dos críticos. Cagamos para a opinião dos críticos. Posicionamos a arma na têmpora. Atenção. Posicionamos a arma na têmpora. Não atiramos. Não somos covardes. Ainda nos resta um fio de coragem. Cruzamos largos corredores. De repente, nos abraçamos, desamparados. Vez por outra nos beijamos. Quase não sabemos mais beijar. Desaprendemos muitas lições. Desajeitados, constrangidos,

preferimos o escuro. Fazemos amor já sem alegria. Não estamos preparados para a alegria. Não temos tempo para os irmãos. Não temos tempo para nada. Aos domingos, comemos macarronada com frango. É o melhor dia da semana. Comemos e bebemos e dormimos. Depois, comemos e bebemos e dormimos. Em certas ocasiões, somos invadidos por uma súbita felicidade. Então cantamos. Desafinados. Mas cantamos.

A felicidade dura pouco, muito pouco. De qualquer forma, cantamos. Chegamos até a ponto de bailar. Sim, bailamos pela sala, lentamente. Já não temos a mesma agilidade para a dança. Mas dançamos. Em breve, muito breve, teremos um filho. E ensinaremos a ele tudo o que sabemos.